

Nota explicativa sobre o artigo de Friedrich Paulsen: *Kant, o filósofo do protestantismo, 1900*

Luís H. Dreher*

Segundo alguns o “fundador de uma escola realista de neokantismo” (KÖHNKE, 1991, p. 11, 170), segundo outros representante de uma forma de “idealismo objetivo” (VORLÄNDER, 1919, v. 2, p. 478; cf. “idealismo objetivo” e “monismo”, no próprio texto ora traduzido), ou ainda um expoente do “pampsiquismo” (SKRBINA, 2005, p. 19; 133-36), Friedrich Paulsen (1846-1908) foi filósofo e pedagogo alemão dos mais influentes na virada do século XIX para o XX. Sua variedade de “neokantismo” buscou integrar o idealismo, especialmente em sua forma ética herdada de Kant, com um ideal-realismo¹ em metafísica². Este seria, ao mesmo tempo, compatível com os métodos das ciências da natureza, não se identificando com elas. Tais características do pensamento de Paulsen não por acaso comprovam por que, mesmo como “neokantiano”, Paulsen nunca deixou de ser discípulo de um exegeta arguto, mas crítico de Kant – ou do “kantismo”? –, o aristotélico, “hilozoísta” Friedrich A. Trendelenburg (1802-72) (BEISER, 2014, p. 19-22, *et passim*).

Uma lista (não exaustiva) das obras de Fr. Paulsen encontra-se nas **Referências Bibliográficas** abaixo, e pode servir de complemento àquela das obras referidas na tradução também publicada neste número de *Ética e Filosofia Política*.

* Professor de (História da) Filosofia Moderna na Universidade Federal de Juiz de Fora (DFIL-UFJF); Pesquisador do CNPq/FAPEMIG; Estágios Pós-Doutorais nas Universidades de Hamburgo e Halle/Saale, RFA. **E-mail:** luis.dreher@ufjf.edu.br.

¹ KÖHNKE, 1991, p. 112, traça este programa (inacabado) de um “ideal-realismo” – e suas inúmeras variantes terminológicas (em tabela, p. 111) – primeiro ao sistema da identidade de Schelling, a partir de 1801. A ele dá continuidade, após o declínio da filosofia clássica alemã, Trendelenburg, com sua cosmovisão (*Weltanschauung*) romântica aliada a um neoaristotelismo (p. ex. p. 111, 176). Mais programaticamente o faz em 1859, remontando a F. D. E. Schleiermacher, Friedrich Ueberweg em sua primeira fase (UEBERWEG, 1859; cf. KÖHNKE, 1991, p. 108-113). Köhnke afirma desta busca de mediação, que enfim se mostra parcialmente exitosa apenas nos níveis epistemológico e cosmovisivo: “To have attempted precisely this, or something similar, is what also distinguishes a whole succession of Trendelenburg's pupils,” entre os quais inclui o “neokantiano” Paulsen.

² Metafísica entendida em sentido fraco, como “cosmovisão”, p. ex. no sentido indicado por Paulsen no próprio texto traduzido: “A razão especulativa (...) capta ser incapaz de ultrapassar a realidade dada aos sentidos, isto é, de ultrapassar o mundo dos *fenômenos* (*Erscheinungen*). Por isso mesmo, ela repassa a formação de ideias últimas a respeito da própria realidade, a formação da *cosmovisão*, à razão prática.”

À tese de doutoramento de Paulsen sobre a *Forma e método da ética de Aristóteles* (1871), sob a orientação de Trendelenburg, seguiu-se uma segunda tese, de livre-docência, intitulada *Intento de uma história do desenvolvimento da teoria do conhecimento de Kant* (1875) (STOLBERG-WERNIGERODE, 2001, p. 128). A ênfase dos neokantianos na lógica da ciência, na “teoria do conhecimento” (*Erkenntnistheorie*) e na cientificidade da filosofia inicialmente os aproximara do positivismo crescente na Alemanha desde os 1840. Percebe-se, contudo, uma clara mudança de tom a partir do final dos anos de 1870 (BEISER, 2014, p. 38-40). A questão do valor, das normas, da filosofia prática – como discernível sobretudo, p. ex., na obra de W. Windelband – impunha-se num sentido pessoal e histórico. E ela vinha casada a uma recusa simultânea do materialismo enquanto metafísica, mesmo por vezes implícita, como diagnosticou Friedrich A. Lange em sua *História do Materialismo* (LANGE, 1866/1873).

Tematicamente, o percurso de Paulsen reflete uma inversão de ênfases. Por um lado, ele vai tendencialmente da ética de Aristóteles àquela de Kant e a um idealismo ético. Por outro, vai da preocupação com a (mera) teoria do conhecimento kantiana a uma concepção mais ampla, que integra suposições últimas de caráter realista, quer dizer, mais que idealista-transcendental. Trata-se, nisso, de uma metafísica que busca operar das partes para o todo. Ou, como reza o texto traduzido, de “tentativa[s] de filosofar desde baixo, como encontradas, por exemplo, nos sistemas de Schopenhauer e de Beneke, de Lotze e de Fechner”.

No geral, sem ser um filósofo simplesmente popular, Paulsen colocou enorme ênfase na importância da filosofia para a vida, o que em seu caso significou a adoção tardia das tendências éticas e libertárias da religião/religiosidade, assim como a busca de uma cosmovisão aberta, em construção, sem um “sistema fechado em filosofia” (STOLBERG-WERNIGERODE, 2001, p. 128). Nisso via, provavelmente, aspectos centrais do que entendia como residual ou essencialmente “protestante”.

Quanto ao objeto imediato do texto traduzido, faz-se mister observar que Paulsen foi apenas um entre os muitos que deram sua contribuição acerca da relação entre o protestantismo e a filosofia moderna, no caso dado Kant em especial. O texto a seguir o faz, porém, a partir de um contexto polêmico. Em certo sentido inclusive trágico, marcado que é pela transição dolorosa de uma antiga para uma nova ordem política, especialmente no caso da Europa central. De forma especificamente alemã e mais imediatamente relevante para a compreensão deste

opúsculo de Paulsen, o contexto se deixa definir pelas consequências do *Kulturkampf* (1871-1878): a disputa ideológica e política, ainda na era de O. von Bismarck, com o Vaticano e sua intelectualidade alemã – especialmente a jesuíta. Neste contexto, Paulsen representa a posição política em geral liberal dos neokantianos, reagindo ainda ao Concílio Vaticano I e a formas de neotomismo na filosofia alemã do final do século 19.

Mas nisso fica também evidente não estar ele imune, politicamente, à questão de fundo do nacionalismo, central para boa parte das posições em jogo. De fato, como a dos demais kantianos, a posição de Paulsen é incompreensível caso se desconsidere a nova função social e política da filosofia na universidade, radicalmente diferente daquela desempenhada no contexto imediato do *Vormärz*, o período anterior à Revolução de 1848.³ Naquela época de crise, que transcorreu especialmente sob a égide e crescente dissolução do idealismo alemão em sentido amplo, boa parte do esforço filosófico precisou começar a redefinir suas tarefas, afastando-se da busca de sínteses mais amplas – especulativamente audaciosas e politicamente arriscadas – no âmbito da cultura geral e da religião. Com isso, é claro, corria o risco de incorrer em (certa) irrelevância para a vida.

E contudo, mesmo quando se deixa de lado o contexto de busca de uma (nova) missão para a filosofia, os argumentos de Paulsen têm seu valor imanente, estritamente conceitual apesar da densidade histórica que buscam deslindar. Sob a perspectiva da leitura da história da filosofia, o texto traduzido contesta, à diferença do que faz o autor numa resenha específica (PAULSEN, 1898), apenas *indiretamente* a leitura de Kant proposta pelo filósofo e pedagogo católico de Praga⁴, [Gustav Philipp] Otto Willmann (1839-1920) (cf. WILLMANN, 1894-1897). E, no entanto, a correta leitura do idealismo tipicamente kantiano é para ele questão crucial, e não só contextual.

Quanto ao entorno do opúsculo de Paulsen, junto com as ambiguidades que aqui e ali leva a incidir na escrita, há que dizer que é, para nós, já demasiadamente datado. Vários de seus

³ A este respeito KÖHNKE, 1991, p. 224: (...) who could wish to determine the historical role played by Kantianism and by the *Kulturkampf* so minutely as to ask whether the work in which this occurs is a political or a philosophical work? The radicality of the demands and the images of hostility, too, pertain to a 'movement', and the Kantian concepts and theorems received their meaning from a political-philosophical situation in what seemed to be at issue was the alternative of morality or dogma, the freedom of science or its holding in tutelage by eternally determined truths of Faith (...). Paulsen é especificamente mencionado na sequência (p. 225).

⁴ Outrora parte do Império Austríaco.

pressupostos felizmente já não têm impacto para a discussão teológica contemporânea e sobretudo para o ecumenismo, exercido especialmente no pós-Segunda Guerra Mundial no marco de um reordenamento definitivo das relações entre Igreja(s) e Estado, bem como entre religião, cultura e ciência. Mesmo assim, várias tese e ideias subjacentes ainda têm um valor para a pesquisa sobre a relação entre (as heranças da) filosofia clássica alemã, o protestantismo e o tema da (fundamentação da) ética e da religião de maneira mais ampla. Mais além das análises do próprio Paulsen, seu texto lança a questão de fundo sobre a relação da própria Reforma – que no ano recém transcorrido de 2017 simbolicamente completou 500 anos –, da modernidade (filosófica) e de Kant com as origens na filosofia do medievo, não por último através do fio vermelho, para Paulsen crucial, da doutrina da consciência moral (p. ex. HONNEFELDER, 2008, p. 311-312).

Obviamente, e não obstante reparos como o último, o tema esboçado no título da contribuição de Paulsen ora traduzida ao português é ainda afeto a controvérsias. Se tal diagnóstico não se deixa rapidamente remediar, serve ao menos de consolo a constatação de as controvérsias surgiram não só dentro do próprio protestantismo, como também da filosofia de expressão alemã desde Kant até, pelo menos, o entreguerras no século 20. Pois tanto o protestantismo de expressão alemã como a filosofia alemã – especialmente, mas não só em seu período clássico – foram marcados, e em alguma medida ainda o são, pela aproximação e fecundação, no mais das vezes admitidamente tensa, entre filosofia e teologia. Quanto a isso, pouco importa de a última é entendida num sentido mais elástico do que está acostumado o leitor brasileiro médio, inclusive, e talvez especialmente, o de filosofia.

Nestes debates em torno do protestantismo e da filosofia de expressão alemã, nem sempre conclusivos ou sequer tidos ainda por relevantes, outros autores, como por exemplo Schleiermacher e Hegel – por alguns exageradamente chamado de “Tomás de Aquino protestante” – foram, vez por outra, tidos como mais legítimos “filósofos do protestantismo” do que o candidato do “neokantiano” Paulsen. Isso radica, possivelmente, na concentração ética tida como exagerada, mas presente tanto em Kant como nas variantes modernas, “neoprotestantes”, da fé original de Lutero, Calvino e outros.

Referências Bibliográficas

- BEISER, Frederick C. *After Hegel: German philosophy, 1840-1900*. Princeton: Princeton University Press, 2014.
- HONNEFELDER, L. *Woher kommen wir? Ursprünge der Moderne im Denken des Mittelalters*. Berlin: Berlin University Press, 2008.
- KÖHNKE, Klaus-Christian. *The Rise of Neo-Kantianism: German Academic Philosophy between Idealism and Positivism*. Trad. R. J. Hollingdale. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- LANGE, Friedrich A. *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart*. Iserlohn: J. Baedeker, 1866/1873.
- PAULSEN, Friedrich. *Versuch einer Entwicklungsgeschichte der Kantischen Erkenntnistheorie*. (Tese de Livre-Docência, Berlim). Leipzig: Fues, 1875.
- _____. *Geschichte des gelehrten Unterrichts auf den deutschen Schulen und Universitäten vom Ausgang des Mittelalters bis zur Gegenwart*. Mit besonderer Rücksicht auf den klassischen Unterricht. 2 v. Leipzig: Veit; Metzger & Wittig, 1885.
- _____. *System der Ethik*. Mit einem Umriß der Staats- und Gesellschaftslehre. Berlin: Hertz 1889.
- _____. *Einleitung in die Philosophie*. Berlin: Hertz, 1892.
- _____. Das jüngste Ketzergericht über die moderne Philosophie, *Deutsche Rundschau*, v. 96, 1898, p. 190-203.
- _____. Kant der Philosoph des Protestantismus, *Kantstudien*, v. 4, 1900, p. 1-31.
- SKRBINA, David. *Panpsychism in the West*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2005.
- STOLBERG-WERNIGERODE, Otto zu. (Ed.) *Neue deutsche Biographie*. V. 20: (Verbetes) Pagenstecher - Püterich. Berlin: Duncker und Humblot, 2001.
- UEBERWEG, Friedrich. Über Idealismus, Realismus und Idealrealismus, *Zeitschrift für Philosophie und philosophische Kritik*, v. 34, 1859, p. 63-80.
- VORLÄNDER, Karl. *Geschichte der Philosophie*. 2 v. 5. ed. Leipzig: Meiner, 1919.
- WILLMANN, Otto. *Geschichte des Idealismus*. 3 v. Braunschweig: F. Vieweg, 1894-1897.